

Ele chegou à praça por volta das onze horas da manhã. O sol já castigava a superfície terrestre. As plantas apresentavam um aspecto de derretimento. Sofriam com o calor que ondeava a partir do chão. Todos os transeuntes apresentavam um aspecto cansado e suado. Não estava um dia agradável.

A praça não tinha um aspecto muito apresentável. Alguns bancos de cimento bastante danificados. Todos apresentavam uma sujeira de longos períodos sem manutenção. O pó preto que os automóveis levantavam do asfalto formava uma fina camada áspera sobre todos os objetos da praça. Uma árvore estropiada fazia uma sombra pouco confortável e toda vazada sobre um dos bancos. Um acúmulo de entulhos de toda espécie estava espalhado pela praça. A um de seus cantos, uma pilha de lixo com aspecto fétido se avolumava.

Ele sentou-se no banco cuja sombra refrescava um pouco o ambiente.

Aquela sombra fraca, famélica, esfrangalhada não ajudava a melhorar sua condição. Acabara de ser demitido. Estava no emprego há quase três meses. Não era dos melhores, nem tinha salário que realmente pudesse dar à sua família algo mais do que uma casa precária, água e luz pagas todo mês, alimentação diária pouco variada. Contudo, já era algo.

A certeza do salário acalmava-lhe o espírito.

\*\*\*

**Ano 02, numero 04 jul/dez. 2015**

**[18]**

*Poeticus - Revista de Poesias, Artes e Reflexões*



O olhar distante e o semblante sem esperança davam àquela figura um aspecto perdido. Mexeu no bolso da camisa puída, mas bem limpa e conservada, retirou uma carteira de cigarro. Pegou um. Acendeu-o. Deu uma, duas, três tragadas bem demoradas e profundas. A nicotina e o tabaco percorreram todo o corpo. Sentiu uma sensação de bem estar confortável. Um leve vento soprou aliviando um pouco o calor, mas logo se dissipou.

O tabaco fez sua mente voar rápido. O barulho dos carros, o burburinho da cidade, as vozes dos passantes foram ficando cada vez mais distantes. Ele começou a entrar num estado de reflexão bastante profundo. Quanto mais fumaça inalava, mais sentia que se afastava daquela praça horrenda.

Contudo, o que começou encontrar nos confins de seu espírito foi ainda mais assustador. Viu-se diante de si mesmo e de seus impasses. Um retorno à praça agora até que lhe daria um alívio. Não voltou. Aprofundou mais e mais.

\*\*\*

Não chegou a terminar o período de experiência. Seu último pagamento estava em seu bolso. Descontando o vale que havia feito duas semanas antes, estava agora, portanto, com apenas dois terços do salário. Estes dois terços dariam para o aluguel, que venceria naquela semana. A água e a luz já estavam pagas. A alimentação diária estava garantida para mais uma ou duas semanas. Sobraria ainda uma mixórdia que não daria para quase nada.

Refletindo... Disse a si mesmo: “Sou assim tão imbecil que não consigo ficar num emprego nunca?”.

Sua demissão causou-lhe uma profunda sensação de impotência. Tinha a plena certeza de que ficaria no emprego por vários anos, que teria garantida sua existência sem as dores advindas do desemprego. Mas não... Nem cumpriu o prazo de experiência e já estava na rua de novo.

“Devo ser muito incompetente. Não devo merecer nem um empreguinho como este mesmo”...



Sentia-se, neste estágio de sua introspecção, como completamente responsável por sua demissão. Nunca lhe ocorreu que talvez os motivos da demissão fossem outros. Sua culpa o feria como navalha. Os cortes que lhe fazia eram deveras graves. Ele era o responsável. Fora demitido por que era incompetente. Somente uma pessoa incompetente, sem talentos, sem iniciativa como ele seria tão sucessivas vezes demitido. Somente alguém como ele, que não suportou terminar os estudos iniciais da escola, que não conseguiu fazer qualquer preparação profissional, que, enfim, era um preguiçoso e inábil poderia ser um desempregado.

Repetia para si mesmo: “Sim, a culpa é minha, de mais ninguém... Meu patrão, ou melhor, meu ex-patrão, é mais jovem do que eu e já é bem sucedido. Tem a empresa, tem carros, tem família limpa e bem controlada. Já eu? Envelhecendo, sem estudos. Mereço isto mesmo”.

Não lhe passou pela cabeça que a empresa de seu ex-patrão fora montada com capital que este recebera de seu pai, que era empresário muito maior e mais poderoso. Mas isto, naquele momento, pouco importava. De fato, seu ex-patrão era ainda patrão e ele, seu ex-empregado, era agora desempregado. Somente isto importava. Somente isto lhe oprimia.

\*\*\*

“Estou novamente sem trabalho. Isto é um fato. Não vou cumprir a promessa...”, pensou quase em voz alta.

Ele tinha uma filhinha de sete anos de idade, Elisa. As crianças nesta faixa etária não são muito compreensivas. Não entendem muito de economia política para saber as razões das dificuldades dos pais. Seu pai havia lhe prometido aquela boneca... Aquela que estava a todo momento na TV. A boneca fazia barulhos como se fosse realmente um bebê vivo: ria, chorava, gritava e falava um conjunto de palavras programadas. A boneca fazia xixi. Bastava que se colocasse água num compartimento, que de tempos em tempos, ela liberava um pouco de água, molhando as fraudas.

***Ano 02, numero 04 jul/dez. 2015***

***[20]***

*Poeticus - Revista de Poesias, Artes e Reflexões*



Elisa estava fascinada com a tal boneca. Já havia três semanas que ela não falava de outra coisa. Toda vez que via o pai, no finalzinho da tarde e início da noite, antes mesmo de lhe dar o beijo de boas vindas e aquele abraço caloroso que toda criança dá nos pais quando estes voltam do trabalho, cobrava-lhe a boneca.

— Papai, trouxe minha boneca hoje?

Ela faria novamente esta pergunta. Das outras vezes, ele mentia, mas no fundo acreditava que ia comprar o brinquedo para sua filha. Assim que a situação desse uma aliviada, compraria a boneca. Não poderia fazer isto agora. A situação iria piorar. Estava ainda a decidir se mentiria uma vez mais. Contudo, se mentisse agora, seria uma mentira verdadeira, pois sabia que não iria comprar a tal boneca. Se não mentisse, ela descobriria que todas as outras vezes em que havia prometido, tinha, na verdade, mentido. Esse dilema o estava dilacerando. Mentir ou não mentir, eis a questão.

Os olhinhos dela brilhariam, indagando a respeito do objeto prometido. Se dissesse que compraria, não suportaria olhar-se no espelho novamente depois de tamanha mentira e desfaçatez. Se não mentisse, revelaria-se como verdadeiro mentiroso. Sinuca de bico. Beco sem saída.

\*\*\*

Deu mais uma tragada profunda. O cigarro desceu próximo ao filtro. Veio um gosto amargo na boca. Sua mente, contudo, pensando em si mesma, desceu mais fundo ainda. Veio-lhe à mente aquela pequena dívida que tinha no mercadinho da rua abaixo de sua casa. Era justamente o lugar onde sua esposa comprava as coisas que faltavam em momentos de dificuldade e desemprego.

Ele ficou quase três meses empregado, recebendo regularmente salário. Preferiu transferir o dinheiro da dívida para outro lugar, o bar. Não pagou a dívida quando pode, julgando que continuaria empregado e que um dia pagaria, pois sempre paga suas dívidas. Não pagou, contudo. Estava agora novamente sem emprego, sem salário e soma-se à dívida do mercado, a do bar, que havia crescido devido à confiança que adquirira de que se tornaria um assalariado perene.



Sentiu-se um grande patife. “Quando pude pagar, não paguei. Como vou olhar agora na cara de D. Nena para lhe pedir que me fie um litro leite, dois quilos de açúcar, um litro de óleo? Não tenho esta coragem...”.

Lembrava-se que D. Nena no mês anterior tinha ido à sua casa e lhe cobrado a dívida. Ela sabia que ele estava empregado, que estava recebendo salário. Ele sempre dizia que passaria no final da semana para acertar tudo. Nunca passou. Passava sempre no bar, tomava uma, duas, três cervejas. Engrossou a dívida com S. Antônio. Não poderá, também a ele, fazer o pagamento, embora a vontade de tomar algumas no fim da tarde seja uma força incontrolável.

Vergonha de D. Nena. Vergonha de S. Antônio. Vergonha de sua filha. Vergonha de si mesmo. Por ser tão inútil, alcoólatra, irresponsável, estava agora novamente sem emprego. Não pagaria suas dívidas. Teria que se humilhar diante dos pequenos comerciantes do bairro para lhe venderem fiado novamente, mesmo sabendo que estes lhe olham com desprezo e desconfiança. Sabe que D. Nena o despreza por ser desempregado, por ser caloteiro. Mas não há outro remédio, a única que vende fiado a ele é somente D. Nena. Nenhum outro comerciante confia em lhe vender absolutamente nada.

Seu pensamento deu um grito bem alto:

— Que... Vergonha!!!

\*\*\*

Fumou a última gota de nicotina ainda presa ao filtro do cigarro, que se apagou. Olhou para o resto do cigarro apagado entre seus dedos. Olhou para a praça que ainda estava tão feia e quente como antes. Recostou-se no banco empregado, sujando sua camisa. Não se importou com a sujeira. Uma sensação tátil de aspereza lhe incomodou. Era a poeira assentada sobre o banco. O sol abrasava tudo. O calor estava realmente insuportável. Fechou novamente os olhos. A sensação de que tudo estava errado era tão física quanto a sensação térmica que tornava tudo profundamente desagradável. Não teve ânimo para se levantar. Continuou em sua introspecção.



Sentiu a pele de seu rosto pegajosamente oleosa. O calor fazia com que suas glândulas sudoríparas trabalhassem mais. Suava demasiado por debaixo da camisa. O óleo da pele, o suor quente e a poeira áspera formavam uma mistura repulsiva. Foi assim realmente que ele se sentiu: repulsivo.

Não eram mais somente as múltiplas vergonhas que o assombravam. A elas, somou-se outra coisa mais. Ele era também repugnante. Não só por que estava fedendo a tabaco e nicotina, não só por que o suor e a poeira davam-lhe um aspecto pegajoso. Era repugnante por que se considerava um fraco, um mentiroso, um caloteiro, um bêbado... Um desempregado!

“Realmente, não sou outra coisa senão um homem repugnante”, dizia-se a si mesmo.

Percorriam por suas células cerebrais pensamentos torpes. A vilania de sua existência era algo repreensível. Enganava a todos: D. Nena, S. Antônio, Elisa, mas principalmente, Solange.

Viu subir-lhe pelo estômago até a boca um sentimento de angústia. Solange confiou nele. Ela, que também amargava alguns meses de desemprego, confiou que ele resolveria a situação.

“Sou o homem da casa!!! Como pode ser assim? Não consigo manter minha própria família. Minto pra minha filha. Minto pra minha mulher”.

Sentiu-se como a própria encarnação do fracasso. Retirou outro cigarro. Acendeu-o. Tragou repetidas vezes. Um gosto amargo e uma sede feroz tornaram sua situação ainda mais difícil. Os transeuntes sobem, descem, atravessam a praça. Ninguém o nota. Ele não significa nada para os outros. Ele é somente mais um no meio da multidão. Ninguém se importa com ele.

\*\*\*

Abateu-se. Vergonha, angústia, desespero, repugnância... Solidão!!!

Não era ninguém. Não tinha importância para seu patrão, pois fora descartado como coisa velha que não presta para mais nada. Essa foi realmente a sensação que lhe tomou todo o corpo e o espírito. Coisa velha que não presta para nada.

***Ano 02, numero 04 jul/dez. 2015***

***[23]***

*Poeticus - Revista de Poesias, Artes e Reflexões*



A maneira como o Dr. Tavares, seu gerente, havia lhe dado a notícia veio à superfície de sua consciência. Tal lembrança foi a última pá de terra sobre seu cadáver:

— Fulano, passe no RH antes do almoço. Não precisamos mais de você.

“Não precisamos mais de você”. Esta frase foi muito dolorida. Foi justamente esta frase que mais tornou a situação insuportável. Fora dispensado como *coisa* velha, como *coisa* estragada, como *coisa* que não presta mais. Como *coisa*. *Coisa!!!* Este foi o estado de espírito que se abateu sobre ele ao ser demitido. Enquanto prestou, por quase três meses, estava contratado. Quando não prestou mais, foi demitido. Esta sensação de ser coisa é a mais embrutecedora das sensações.

No caso, não se tratava de se sentir como coisa, mas de ser efetivamente coisa. Todo o papo humanista das escolas de administração, o discurso liberal de respeito à vida humana não tem nenhum sentido quando se está à beira do precipício da demissão. Ele caíra pelas bordas e estava agora a se esborrachar pelas pedras. A cada impacto, um pedaço de sua carne ficava para trás. A cada baque, algumas gotas de sangue se derramam pelas encostas. Agora que já estava lá embaixo, despedaçado, destroçado... Era menos-que-coisa. Nem para coisa parecia servir mais.

Não conseguiu continuar pensando... Coisa, aliás, menos-que-coisa, não pensa. Levantou-se de súbito. Pareceu emergir das profundezas. Chegou novamente à superfície da consciência. Lá estava a praça. Lá estava o calor. Lá estava o lixo. Lá estava ele, o menos-que-coisa: o fulano. Sentiu uma forte impulsão para chorar. Conteve-se. Homem não chora. Os olhos brilharam afogados em lágrimas, mas nenhuma rolou pelo rosto.

\*\*\*

A caminho de casa, sacolejando no ônibus, tinha visões terríveis. Viu D. Nena com uma caderneta nas mãos a cobrar-lhe dia e noite a dívida. Viu S. Antônio com aquele bigode militar a recusar-lhe uma dose de pinga. Viu Elisa dirigir-lhe um olhar triste, descobrindo que o pai era um mentiroso. Sobretudo, já ouvia as reprovações de Solange:

***Ano 02, numero 04 jul/dez. 2015***

**[24]**

*Poeticus - Revista de Poesias, Artes e Reflexões*



— Eu lhe disse para não matar serviço! Eu lhe disse para não chegar atrasado! Eu lhe disse para não beber na hora do almoço...

As palavras dela, antecipadas em sua mente, já eram uma realidade. Parecia que todos estavam ali a intimidar-lhe, a humilhar-lhe. Uma menos-que-coisa sendo humilhada por outras coisas.

Solange estranhou a chegada do marido em hora tão adiantada. Anteviu o que havia acontecido. Ele contou a ela tudo o que lhe ocorrera. Preparou o espírito para as reprovações.

Ela apertou-o num caloroso abraço. Por demorados segundos, ficaram a apertar-se. Nenhuma palavra foi dita. Ele não se conteve. Uma lágrima indiscreta irrompeu de seus olhos, desceu pela face, atravessou a boca pelos vincos que algumas rugas faziam no canto de sua boca e aconchegou-se no ombro quente de Solange.

Eles se entreolharam profundamente. Olhos nos olhos. Os olhos dela estavam embebidos em lágrimas. Algumas despencaram violentamente, parando no canto da boca. Nenhum ruído de choro. Ele a confortou...

Lucas Maia

Aparecida de Goiânia, 21 de maio de 2015

